

PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO: 02-0126/1995 DE 1995

MATERIA LEGISLATIVA: PDL

02-0126/1995 DE 26/12/95

PROMOVENTE: VEREADOR TEREZA CRISTINA DE SOUZA LAJOLO

E M E N T A:

Concede In Memoriam, Medalha Anchieta e Diploma de Gratidão da Cidade de São Paulo às Mulheres Mortas e Desaparecidas, e dá outras providências.

O B S E R V A C O E S:

CNC Solutions
Tipo: Processo Legislativo
20/10/2010 12:10:32

00000008312-71



ARQUIVADO EM 11/10/2010

CHEFE DE SESSAO



Câmara Municipal de São Paulo

do 19
Folha nº 01 do 2º
126 de 1995
São Paulo

PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº

02 - PDL
02-0126/1995

LIDO HOJE,
ÀS COMISSÕES DE: 26 DEZ 1995
CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA;
EDUCAÇÃO, CULTURA E ESPORTE;
FINANÇAS E ORÇAMENTO;

Concede, *In Memoriam*,
Medalha Anchieta e Diploma
de Gratidão da Cidade de São
Paulo às Mulheres Mortas e
Desaparecidas Políticas.

A CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO decreta:

Art. 1º - Fica concedido a Medalha Anchieta e Diploma de Gratidão da
Cidade de São Paulo, *In Memoriam*, às Sras.:

- I- Alceri Maria Gomes da Silva;
- II- Ana Maria Nacinovic Corrêa;
- III- Ana Rosa Kucinski Silva;
- IV- Anatália de Souza Alves de Melo;
- V- Áurea Eliza Pereira Valadão;
- VI- Aurora Maria Nascimento Furtado;
- VII- Carmem Jacomini;
- VIII- Catarina Abi-Eçab;
- IX- Dinaelza Soares Santana Coqueiro;
- X- Dinalva Oliveira Teixeira;
- XI- Heleny Ferreira Telles Guariba;
- XII- Gastone Lúcia Beltrão;
- XIII- Gerosina Silva Pereira;

SEÇÃO DE REVISÃO

26 DEZ 1995

-DT. 10-

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

SEGUIR: justado(s) nesta data documento(s) rubri-
cado(s) sob n.º 39 e folha de informação sob
n.º 40 / 28 / 12 / 95 a (Ed)



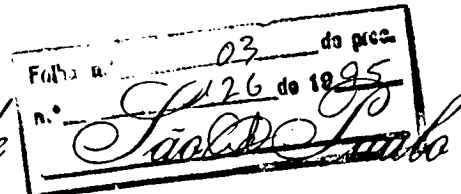
Câmara Municipal de

Folha n.º	02	de proc.
n.º	126	de 1905
<i>São Paulo</i>		

- XIV- Helenira Rezende de Souza Nazareth;
- XV- Iara Iavelberg;
- XVI- Ieda Santos Delgado;
- XVII- Iris Amaral;
- XVIII- Isis Dias de Oliveira;
- XIX- Jana Moroni Barroso;
- XX- Jane Vanini;
- XXI- Lígia Maria Salgado Nóbrega;
- XXII- Lourdes Maria Wanderley Pontes;
- XXIII- Lucia Maria de Souza;
- XXIV- Luiza Augusta Garlippe;
- XXV- Lyda Monteiro da Silva;
- XXVI- Margarida Maria Alves;
- XXVII- Maria Angela Ribeiro;
- XXVIII- Maria Augusta Thomaz;
- XXIX- Maria Auxiliadora Iara Barcelos;
- XXX- Maria Célia Corrêa;
- XXXI- Maria Lucia Petit da Silva;
- XXXII- Maria Regina Lobo Leite Figueiredo;
- XXXIII- Maria Regina Marcondes Pinto;
- XXXIV- Marilene Vilas-Boas Pinto;
- XXXV- Miriam Lopes Verbena;
- XXXVI- Nilda Carvalho Cunha;
- XXXVII- Pauline Philipe Reichstul;
- XXXVIII- Ranúsia Alves Rodrigues;



Câmara Municipal de



XXXIX- Soledad Barret Viedma.

XL- Sonia Maria Lopes de Moraes;

XLI- Suely Yumiko Kanayama;

XLII- Telma Regina Cordeiro Corrêa;

XLIII- Therezinha Viana de Assis;

XLIV- Walkiria Afonso Costa;

XLV- Zuleika Angel Jones;

Artigo 2º - A entrega das referidas honorarias será efetuada em Sessão Solene da Câmara Municipal de São Paulo, especialmente convocada para esse fim, às famílias das homenageadas.

Artigo 3º - As despesas decorrentes da execução do presente Decreto Legislativo correrão por conta das verbas orçamentárias próprias.

Artigo 4º - Este Decreto Legislativo entra em vigor na data da sua publicação.

Sala das Sessões em 27 de dezembro 1995.

Tereza Cristina S. Lajolo
TEREZA CRISTINA S. LAJOLO
Vereadora - PT



Câmara Municipal de São Paulo

Folha N.º	04	de	proa.
R.º	126	da	1995

BIOGRAFIAS

ALCERI MARIA GOMES DA SILVA

Militante da VANGUARDA POPULAR REVOLUCIONÁRIA(VPR).

Nascida a 25 de Maio de 1943, em Porto Alegre/RS, filha de Oscar da Silva e Odila Gomes da Silva.

Operária metalúrgica e comerciaria.

Assassinada juntamente com Antonio dos Três Reis Oliveira, em São Paulo, no dia 17 de Maio de 1970, quando sua casa foi invadida por agentes dos órgãos de segurança.

O laudo necroscópico é assinado pelos médicos legistas João Pagenoto e Paulo Augusto Q. Rocha.

O relatório do Ministério da Aeronáutica diz que Alceri "foi ferida e, posteriormente veio a falecer no dia 17 de Maio de 1970".

ANA MARIA NACINOVIC CORRÊA

Militante da AÇÃO LIBERTADORA NACIONAL (ALN).

Nasceu em 25 de Março de 1947, no Rio de Janeiro, filha de Mário Henrique Nacionovic e Anadyr de Carvalho Nacionovic.

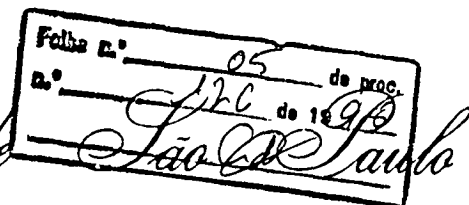
Fez o primário, o ginásio e o científico no Colégio São Paulo, de freiras, em Ipanema. Destacou-se sempre durante o seu curso pelo companheirismo e cumprimento de suas obrigações escolares. Simultaneamente estudou piano com o professor Guilherme Mignone Possuindo um ouvido privilegiado, era estimulada pelo seu mestre a dedicar-se mais a arte.

Terminou o científico com 17 anos e sua grande inclinação para a matemática levou-a a frequentar um curso pré-vestibular, com o objetivo de futuramente tornar-se engenheira.

Aos 21 anos, ingressou, como segunda colocada na Faculdade de Belas Artes.



Câmara Municipal de



Para idealista que era, o que sempre demonstrou no seu dia-a-dia, em atitudes de solidariedade em relação ao próximo, caíram em campo fértil as sementes de rebelião contra o regime autoritário que dominava o país.

Ana Maria foi metralhada e morta na Moóca, em 14 de junho de 1972. Estava com 25 anos de idade. Enquanto almoçava foi identificada, junto com outros companheiros, pelo dono do restaurante Varella que chamou a polícia, que armaram uma emboscada. Não contentes só com a morte dos "perseguidos" fizeram para a população que presenciava estarrecida, um ato de selvageria com os corpos.

Em 16 de Outubro de 1973, apesar de morta oficialmente, é condenada a revelar a 12 anos de prisão com base no artigo 28 do Decreto Lei 898/69.

O relatório do Ministério da Aeronáutica contém a falsa versão de que "Ana Maria foi ferida após assalto em que resistiu a voz de prisão, ocasião em que a nominada saiu gravemente ferida, vindo a falecer posteriormente".

ANA ROSA KUCINSKI SILVA

Militante da AÇÃO LIBERTADORA NACIONAL (ALN).

Nasceu no dia 12 de Janeiro de 1942, em São Paulo, filha de Majer Kucinski e de Ester Kucinski.

Esposa de Wilson Silva, ambos desaparecidos desde o dia 22 de Abril de 1974. Tinha 32 anos de idade.

Foi professora universitária no Instituto de Química da Universidade e São Paulo.

A família de Ana Rosa e Wilson impetrou vários *habeas corpus* na tentativa de localiza-los, todos eles prejudicados pela resposta de que nenhum dos dois se encontrava preso. Nas pesquisas feitas pelos familiares aos arquivos do antigo DOPS/SP apenas uma ficha foi encontrada onde se lê: "presa no dia 22 de Abril de 1974 em SP".

No dia 10 de dezembro de 1974, foi enviado pedido de investigação a Comissão de Direitos Humanos da OEA. Meses depois, a família recebeu resposta da OEA, onde se afirmava que, consultado o Governo Brasileiro declinava qualquer responsabilidade no episódio.

O General Golberi do Couto e Silva chegou a reconhecer, em dezembro de 1974, que Ana Rosa se encontrava presa numa instituição da Aeronáutica.



Câmara Municipal de

Folha n.º	06	de proc.
n.º	126	de 1995
<i>São Paulo</i>		

ANATÁLIA DE SOUZA ALVES DE MELO

Nasceu em 09 de julho de 1945, em Monibassa, no Município de Martins, atual Frutuoso Gomes, no Rio Grande do Norte, filha de Nicácio Loia de Melo e Maria Pereira de Melo.

Em 1969, na cidade de Mossoró (RN), casou-se com Luis Alves Neto.

Passou a ser militante do PCBR e mudou-se para Recife onde atuou na zona da mata junto às Ligas Camponesas. Foi presa juntamente com o marido, no dia 17 de dezembro de 1972. Ambos foram levados para o DOPS, onde foram barbaramente torturados. No dia 22 de janeiro de 1973, foi encontrada morta na cela. Não se sabe ao certo como ocorreu sua morte, a versão oficial é de suicídio.

ÁUREA ELIZA PEREIRA VALADÃO

Militante do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL(PC do B).

Filha de José Pereira e Odila Mendes Pereira, nasceu em Areado, Sul de Minas, no dia 06 de Abril de 1950.

Desaparecida na Guerrilha do Araguaia aos 24 anos.

Sua família morava na Fazenda da Lagoa, município de Monte Belo, onde seu pai era administrador e, por isso, Áurea Eliza teve que ir, muito cedo, para o internato.

Afetiva e risonha manteve, sempre, um bom relacionamento com a família, durante sua infância e adolescência.

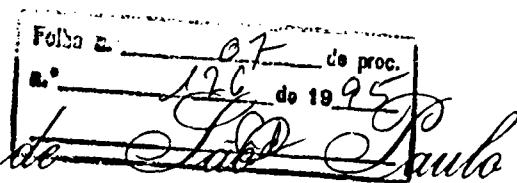
Aluna bastante aplicada, estudou dos 6 aos 14 anos, no Colégio Nossa Senhora das Graças, em Areado, onde concluiu o ginasial.

Mudou-se, em 1964, para o Rio de Janeiro para cursar o 2º Grau no Colégio Brasileiro, em São Cristóvão, morando com sua irmã Iara, com quem tinha laços muito estreitos e afetuosos.

Prestou vestibular, aos 17 anos, para o Instituto de Física da UFRJ, em 1967, onde pretendia estudar Física Nuclear. Por ainda não ter 18 anos precisou de autorização especial de seus pais, para que pudesse fazer aquele curso.



Câmara Municipal



Participou intensamente do movimento estudantil no período de 1967 a 1970, tendo sido membro do Diretório Acadêmico de sua escola.

No segundo semestre de 1970 mudou-se para o Araguaia, indo viver na região de Caianos, onde passou a trabalhar como professora e ingressou no destacamento C das Forças Guerrilheiras, cujo comandante era Paulo Mendes Rodrigues. No Araguaia era conhecida como Eliza.

Consta que Áurea Eliza teria sido presa em Marabá, em 1973, estando desaparecida desde 1974.

Seus pais faleceram sem que nenhuma notícia lhes fosse dada sobre seu paradeiro.

No início do ano de 1974 foi vista viva e em bom estado de saúde, no 23º Batalhão de Infantaria da Selva, pelo preso Amaro Lins que prestou estas declarações no 4º Cartório de Notas de Belém/PA. Amaro relata também que ouviu um policial dizer-lhe que arrumasse suas coisas pois iria viajar. (Viajar - termo utilizado para designar execução).

Segundo depoimento de uma moradora de Xambioá, Áurea teria sido vista morta na delegacia da cidade e seu corpo estaria enterrado no cemitério local.

Em 1991, familiares de mortos e desaparecidos na Guerrilha do Araguaia estiveram neste cemitério junto com a CJP e a equipe de legistas da UNICAMP. Nesta ocasião foram exumadas duas ossadas, uma de um negro, provavelmente Francisco Manoel Chaves (desaparecido) e outra de uma mulher, jovem, cujo corpo estava enrolado num pano de pára-quedas, com a identificação arrancada, que poderia ser de Áurea. Essas ossadas permanecem na UNICAMP para identificação.

O relatório do Ministério da Marinha dá como data da morte de Áurea 13 de Junho de 1974, sem mais informações.

AURORA MARIA NASCIMENTO FURTADO

Militante da AÇÃO LIBERTADORA NACIONAL (ALN).

Nasceu em 13 de Junho de 1946, em São Paulo/SP, filha de Mauro Albuquerque Furtado e Maria Lady Nascimento Furtado.

Morta aos 26 anos de idade, no Rio de Janeiro.



Câmara Municipal de

Folha n.º	08	da proc.
n.º	226	do 19.º
São Paulo		

Estudante de Psicologia na Universidade de São Paulo, era a responsável pela imprensa da União Estadual dos Estudantes de São Paulo, com ativa militância no movimento estudantil dos anos 1967/68.

Foi presa em 9 de Novembro de 1972, na Parada de Lucas, Rio de Janeiro, em batida policial realizada por uma patrulha do 2º Setor de Vigilância Norte, após tiroteio, em que morreu um policial.

Após correr alguns metros e se esconder em vários lugares, Aurora foi aprisionada viva, dentro de um ônibus onde havia se refugiado momentos antes.

Foi torturada desde o momento de sua prisão, inclusive na presença de vários populares que se aglomeravam ao redor da cena. Aurora foi conduzida para a Internada de Olaria. Lá, foi torturada nas mãos dos policiais do DOI/CODI e integrantes do famigerado "Esquadrão da Morte".

Aurora viveu os mais terríveis momentos nas mãos daqueles carrascos, que além dos já tradicionais pau-de-arara, sessão de choques elétricos, somados a espancamentos, afogamentos, queimaduras, aplicaram-lhe a "coroa de cristo", ou "torniquete", que é uma fita de aço que vai gradativamente sendo apertada, esmagando aos poucos o crânio.

No dia 10 de novembro Aurora morreu em consequência dessas torturas. Seu corpo chegou ao IML/RJ como "desconhecida", pela Guia nº 43 da 26ª D.P.

Após prendê-la e tortura-la, jogaram seu corpo crivado de balas na esquina das Ruas Adriano com Magalhães, no Bairro do Méier (RJ). A versão oficial divulgada pelos órgãos de segurança era de que a morte de Aurora seria consequência de uma tentativa de fuga, quando era transportada na rádio-patrulha que a prendera. Ao tentar fugir, Aurora teria sido baleada e morta.

A necrópsia feita no IML, em 10 de novembro de 1972, foi firmada pelos Drs. Elias Freitas e Salim Raphael Balassiano e confirma a falsa versão da repressão de morte em tiroteio e assinala "ferimentos penetrantes na cabeça com dilaceração cerebral", que é dada como causa mortis.

Em 11 de novembro de 1972, Aurora foi reconhecida no IML/RJ, por seu pai, Mauro Albuquerque Furtado, sendo transladada para São Paulo. O corpo de Aurora foi entregue a família em caixão lacrado com ordens expressas para que não fosse aberto.



Câmara Municipal de São Paulo

Folha n.º	09	de proc.
do 19.º		

CARMEM JACOMINI

Militante da VANGUARDA POPULAR REVOLUCIONÁRIA (UPR) fez parte da guerrilha da Vale do Ribeira, no Estado de São Paulo.

Exilou-se no Chile de onde, após o golpe, foi para a França.

Em fins de abril de 1977, faleceu em consequência de um desastre de automóvel em Aix em Provence, na França

CATARINA ABI EÇAB

Era militante da VANGUARDA POPULAR REVOLUCIONÁRIA (UPR).

Aos 21 anos de idade, estudante universitária, foi morta, juntamente com o marido, em 08 de novembro de 1968, quando a carro que viajava explodiu devido a detonação de explosivos que transportavam.

DINAELZA SOARES SANTANA COQUEIRO

Militante do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (PC do B).

Nasceu em 22 de Março de 1949 em Vitória da Conquista, Estado da Bahia, filha de Antonio Pereira de Santana e Junília Soares Santana.

Desaparecida desde 1973 na Guerrilha do Araguaia, aos 25 anos.

Concluiu o curso primário e secundário no Instituto Regis Pacheco, em Jequié e, em 1969, iniciou o curso de Geografia na Pontifícia Universidade Católica de Salvador. Participou do movimento estudantil e fazia parte da Comissão Executiva do Diretório Central dos Estudantes de sua Universidade.

Trabalhou na Sadia, hoje Transbrasil, até início de 1971. Estava decidida a lutar contra a ditadura e defender os ideais de justiça.

O relatório do Ministério do Exército diz que ela "utilizava os codinomes Dinorá e Maria Dina, tendo sua carteira de identidade nº 792454-SSP/BA apreendida em um 'aparelho rural' do PC do B. Atuava na área de Xambioá e Marabá. O relatório do Ministério da Marinha diz que ela foi "morta em 8 de Abril de 1974". Seus companheiros a viram viva em liberdade pela última vez



Câmara Municipal de São Paulo

Fls. n.º	10	de proc.
Fls. n.º	126	de 1995

em 30 de Dezembro de 1973. Segundo informações de moradores da região foi aprisionada por tropas do exército.

DINALVA OLIVEIRA TEIXEIRA

Militante do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (PC do B).

Nasceu em Argoin, município de Castro Alves, Estado da Bahia, em 16 de Maio de 1945, filha de Viriato Augusto Oliveira e Elza Conceição Bastos.

Desaparecida desde 1973, na Guerrilha do Araguaia, aos 29 anos.

Estudou em Salvador, sendo formada em Geologia pela UFBa, em 1968. Participou do movimento estudantil em Salvador nos anos 67 e 68, tendo sido presa.

Em 1969 casou-se com Antonio Carlos Monteiro Teixeira e no mesmo ano mudaram-se para o Rio de Janeiro, indo trabalhar no Ministério das Minas e Energia e em maio de 1970 ambos foram para a região do Araguaia. Atuou como professora, parteira e foi a única mulher da guerrilha a ocupar o cargo de vice-comandante de destacamento, o C.

Destacou-se na Guerrilha por sua habilidade militar, escapando várias vezes dos cercos do inimigo. Tornou-se figura lendária por ser exímia atiradora.

A última vez que foi vista viva e em liberdade pelos seus companheiros foi no dia 25 de dezembro de 1973, desaparecendo após o tiroteio que houve no acampamento, onde estava gravemente enferma.

O ex-deputado federal e um dos comandantes das operações do exército na região, Sebastião Curió, diz que ela foi a última guerrilheira morta após quatro meses de perseguição.

Depoimento do coronel da Aeronáutica Pedro a revista "Veja" de 13 de Outubro de 1993 e a Comissão de Representação Externa da Câmara Federal, faz referências a uma guerrilheira grávida que teria sido morta. Há também comentários de moradores da região que fazem referência a gravidez em estado avançado de Dina.

O relatório do Ministério da Marinha diz que ela teria sido morta em julho de 1974.



Câmara Municipal de São Paulo

Folha n.º	11	de proc.
n.º	126	de 1995

HELENY FERREIRA TELLES

Militante da VANGUARDA POPULAR REVOLUCIONÁRIA (VPR).

Nasceu em 13 de Março de 1941 em Bebedouro, Estado de São Paulo, filha de Isaac Ferreira Caetano e Pascoalina Alves Ferreira.

Desaparecida desde 1971 aos 30 anos.

Profesora universitária e diretora do "Grupo de Teatro da Cidade", de Santo André, São Paulo.

Presa no Rio de Janeiro no dia 12 de Julho de 1971, juntamente com Paulo de Tarso Celestino, por agentes do DOI-CODI/RJ.

Inês Etienne Romeu, em seu relatório sobre a "Casa da Morte, em Petrópolis, denuncia que Heleny esteve naquele aparelho clandestino da repressão no mês de Julho de 1971, tendo sido torturada por três dias, inclusive com choques elétricos na vagina.

O relatório do Ministério da Aeronáutica diz que Heleny foi "presa em 20 de Outubro de 1970, em Poços de Caldas/MG, sendo libertada em 01 de Abril de 1971..." Já o relatório do Ministério do Exército afirma que foi presa em 24 de Abril de 1970 durante a Operação Bandeirantes e libertada a 1º de abril de 1971."

GASTONE LÚCIA BELTRÃO

Militante da AÇÃO LIBERTADORA NACIONAL (ALN).

Nasceu em 12 de novembro de 1950 em Alagoas, filha de João de Castro Beltrão e Zoraide Carvalho Beltrão.

Fuzilada no dia 21 de Janeiro de 1972, aos 22 anos, na Av. Lins de Vasconcelos, no Cambuci, São Paulo, pela equipe do delegado Sérgio Fleury, quando reagiu a voz de prisão.

Assinam o laudo necroscópico os médicos legistas Isaac Abramovich e Walter Sayeg.

Foi enterrada como indigente no Cemitério de Perus, em São Paulo.

Segundo o relatório do Ministério da Aeronáutica, "faleceu dia 22 de janeiro de 1972, após travar tiroteio com agentes de segurança em São



Câmara Municipal de São Paulo

Folha n.º	12	de proc.
n.º	126	do. 19 95

Paulo/SP". No relatório do Ministério da Marinha a versão dada é a a mesma, sem data, e com referência ao local, assinala-se a Av. Lins de Vasconcelos.

No arquivo da Polícia Técnica foram encontrados documentos que precisam o local de sua morte a rua Heitor Peixoto, esquina com Rua Inglês de Souza, inclusive com várias fotos da Polícia Técnica.

GEROSINA SILVA PEREIRA

Filha de Antônio Soares de Arruda e de Laura Soares Silva, nasceu no dia 15 de julho de 1918, em São Pedro de Jequetinhonha, no Vale do Jequetinhonha (MG). Tornou-se conhecida por Zizinha e veio trabalhar como operária, em São Paulo.

Em fins de 1970 foi presa por militar contra o regime militar.

Seu marido, Antônio Ubaldino Pereira foi banido para o Chile, em 13 de janeiro de 1971. Logo que foi solta, Zizinha foi para o Chile. Com o golpe chileno, foi para o Panamá e finalmente chegou em Lund (Suécia). Lá trabalhou ativamente no Comitê Brasileiro de Mulheres Democráticas e sonhava voltar ao Brasil para rever seus filhos e netos. Mas morreu, em 09 de setembro de 1978, vítima de câncer.

HELENIRA REZENDE DE SOUZA NAZARETH

Militante do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (PC do B).

Nasceu em Cerqueira César, SP, no dia 11 de Janeiro de 1944, filha de Adalberto de Assis Nazareth e Eulália R. de Souza Nazareth.

Mudou-se para Assis aos 4 anos, onde cresceu, tendo concluído o Curso Clássico na EEPSPG Prof. Clibas Pinto Ferraz. Participante da seleção de basquete da cidade, sobressaiu-se como uma das melhores jogadoras da região da Alta Sorocabana, tendo também sido contemplada com várias medalhas no atletismo, na modalidade de salto a distância.

Dedicada ao estudo da teoria marxista, desde cedo sua presença se fez sentir como líder estudantil que, com posições avançadas defendia com firmeza suas propostas. Fundadora e 1ª presidente eleita do Grêmio Estudantil da Escola, já se pronunciava nos palanques e na Rádio Difusora de Assis, durante campanhas políticas dos candidatos que julgava dignos de seu apoio.



Câmara Municipal de São Paulo

Folha n.º	13	de proc.
n.º	126	de 19 95

Foi vice-presidente da UNE, em 1968.

Helenira foi presa pela primeira vez quando conclamava os colegas a participarem de uma passeata em maio de 1968, em São Paulo. E, no mesmo ano, mais uma vez foi presa, no 30º Congresso da UNE, em Ibiúna com outros 800 estudantes. Nesta ocasião, quando o ônibus que os transportava passava pela Av. Tiradentes, conseguiu entregar a um transeunte um bilhete que foi levado a sua residência a Rua Robertson, no Cambuci, avisando a família de sua prisão. Procurada pelos policiais como Nazareth e apontada como sendo uma das líderes do movimento foi transferida do Presídio Tiradentes para o DOPS onde caiu nas garras do famigerado Fleury, que a jurou de morte.

Após alguns dias de "vai e vem" ao DOPS o contato direto com Helenira foi conseguido por intermédio da advogada Maria Aparecida Pacheco. Alguns dias depois foi transferida para o Presídio de Mulheres do Carandiru, onde ficou detida por dois meses. Seu Habeas Corpus foi conseguido um dia antes da edição do AI-5. . A partir de então passou a viver na clandestinidade, tendo residido em vários pontos da cidade e do país, antes de se dirigir ao Araguaia..

Morta aos golpes de baioneta, em 29 e setembro de 1972, depois de metralhada nas pernas e torturadas. Enterrada na localidade de Oito Barracas.

No relatório do Ministério da Marinha encontra-se a cínica "informação" de que se encontra foragida. No arquivo do DOPS/PR, o nome de Helenira consta em uma gaveta com a identificação: "falecidos".

Desaparecida, desde 1972, na Guerrilha do Araguaia, quando contava 28 anos. Integrante do Destacamento A das Forças Guerrilheiras. Este Destacamento passou a chamar-se Helenira Rezende após sua morte.

IARA IAVELBERG

Militante do MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO 8 DE OUTUBRO (MR 8).

Nasceu em 07 de maio de 1944, na cidade de São Paulo, filha de David Iavelberg e Eva Iavelberg. Psicóloga e professora universitária.

Foi morta no dia 20 de Agosto de 1971, aos 27 anos, em circunstâncias ainda não esclarecidas.

Há duas versões sobre a morte de Iara. Uma delas diz que teria sido morta após rápido tiroteio com policiais do DOI/CODI-RJ, deslocados a Salvador para prendê-la. Consta que Iara teria se refugiado no banheiro de uma casa vizinha a sua, na tentativa de escapar a perseguição dos policiais, ocasião em que teria sido localizada, tendo se matado com um tiro na cabeça.



Câmara Municipal de São Paulo

Folha n.º 14 da pres.
n.º 126 de 12-95

Esta é a versão oficial, conforme nota divulgada na época pelos órgãos de segurança.

Segundo apurado lara teria sido presa e levada para a sede do DOPS local, lá sendo torturada.

O relatório do Ministério da Marinha diz ela foi "morta em Salvador/BA, em ação de segurança", o relatório do Ministério da Aeronáutica "suicidou-se em Salvador/BA, em 06 de agosto de 1971, no interior de uma residência, quando foi cercada pela polícia".

A certidão de óbito dá sua morte em 20 de agosto de 1971, tendo sido firmada pelo Dr. Charles Pittex e informando que lara foi sepultada por sua família no Cemitério Israelense de São Paulo.

IEDA SANTOS DELGADO

Militante da AÇÃO LIBERTADORA NACIONAL(ALN).

Nasceu em 9 de Julho de 1945, no Rio de Janeiro, filha de Odorico Arthur Delgado e Eunice Santos Delgado.

Desaparecida desde 1974 quando contava 29 anos.

Advogada e funcionária do Departamento Nacional de Produção Mineral do Ministério das Minas e Energia, no Rio de Janeiro, até sua prisão. Trabalhou também no jornal "Tribuna da Imprensa".

Foi presa em São Paulo no dia 11 de Abril de 1974, quando se preparava para viajar para o Rio de Janeiro.

IRIS AMARAL

Não era militante política.

Era doméstica, casada, natural do Rio de Janeiro e foi morta aos 40 anos de idade, em 01/02/1972, ao ser baleada na rua por agentes da repressão que perseguiram militantes.



ÍISIS DIAS DE OLIVEIRA

Militante da AÇÃO LIBERTADORA NACIONAL (ALN).

Nasceu em 29 de Agosto de 1941, filha de Edmundo Dias de Oliveira e Felícia Mardini de Oliveira.

Desaparecida desde 1972, quando tinha 31 anos.

Iniciou seus estudos no Grupo Estadual Pereira Barreto, onde concluiu o primário. O Ginásio e o Clássico cursou no Colégio Estadual Presidente Roosevelt e no Colégio Santa Marcelina, respectivamente.

Em 1960 concluiu seu curso de piano e, posteriormente, estudou inglês na União Cultural Brasil-Estados Unidos.

Em 1965 iniciou o Curso de Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP.

Em 1970 passou a morar na cidade do Rio de Janeiro, onde foi presa no dia 30 de janeiro de 1972.

Em 08 de Abril de 1987, a Revista Isto É, em matéria "Longe do Ponto Final", traz declarações de Amílcar Lobo que reconheceu Isis no DOI-CODI/RJ, sem precisar a data.

No arquivo do DOPS/PR, em uma gaveta com a identificação "falecido" foi encontrada a sua ficha.

Os relatórios dos Ministérios da Marinha e do Exército insistem em afirmar que Isis está foragida.

JANA MORONI BARROSO

Militante do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (PC do B).

Desaparecida desde 1974, na Guerrilha do Araguaia, quando tinha 26 anos.

Nasceu em 10 de Julho de 1948, em Fortaleza, Estado do Ceará, filha de Benigno Girão Barroso e Cyrene Moroni Barroso.



Câmara Municipal de São Paulo

Folha n.º 16 de proc.
a.º 126 de 1995

Cursou a Faculdade de Biologia de UFRJ e aí ingressou na vida política. Trabalhou com outros companheiros, como responsável pela imprensa clandestina do PC do B, no Rio de Janeiro.

Em abril de 1971, tendo em vista a continuidade de seu trabalho político, mudou-se para a localidade de Metade, no sul do Pará.

Nessa região, além do trabalho da roça e da caça, foi professora primária. Casou-se com Nelson Lima Piauhhy Dourado (desaparecido).

Era combatente do destacamento A - Helenira Resende.

Sua mãe, D. Cyrene, não poupou esforços a sua procura, indo várias vezes a região do Araguaia ou recorrendo aos órgãos governamentais a procura de informações sobre o seu paradeiro.

Desaparecida desde 2 de Janeiro de 1974, após ataque das Forças Armadas, quando estava em companhia de Maria Célia Corrêa e Nelson Piauhhy Dourado.

JANE VANINI

Era militante do Movimento de Libertação Popular, nasceu em 8 de setembro de 1945. Estudava Ciências Sociais e trabalhava na Editora Abril. Por suas atividades políticas foi condenada a 5 anos de prisão, exilando-se, então, no Chile. Lá ligou-se ao Movimento de Esquerda Revolucionário (MIR) e casou-se com o jornalista Pepe Carrasco. Foi morta em 6 de dezembro de 1974, em Concepcion, Chile..

Em dezembro de 1993, o governo chileno assumiu sua responsabilidades na morte de Jane Vanini, concedendo pensão a sua família.

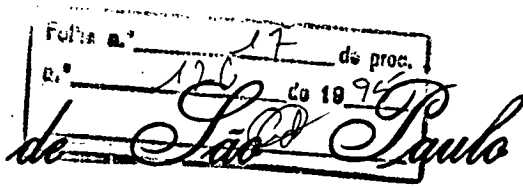
LIGIA MARIA SALGADO NÓBREGA

Militante da VANGUARDA ARMADA REVOLUCIONÁRIA PALMARES (VAR PALMARES).

Nasceu em 30 de Julho de 1947 em Natal/RN, filha de Georgino Nóbrega e Naly Ruth Salgado Nóbrega.



Câmara Municipal



Morta aos 24 anos de idade, em 29 de março de 1972, junto com Antonio Marcos Pinto de Oliveira e Maria Regina Lobo Leite de Figueiredo, em tiroteio na Av. Suburbana, 8988, casa 72, Bairro do Quintino - RJ.

Chegou pequena a São Paulo, onde estudou, terminando o curso de normalista no Colégio Estadual Fernão Dias Pais.

Em 1967 entrou no curso de Pedagogia da Universidade de São Paulo e se destacou pela sua capacidade intelectual, pela liderança e empenho em abrir horizontes, modernizar métodos de ensino.

O corpo de Lígia chegou ao IML/RJ, em 30 de março de 1972, como desconhecida, pela guia nº 01 do DOPS/RJ.

Sua necrópsia foi assinada pelos Drs. Eduardo Bruno e Valdecir Tagliari que confirmaram a versão oficial do tiroteio.

Lígia Foi reconhecida por seu irmão, Francisco Salgado da Nóbrega, em 07 de Abril de 1972, tendo sido sepultada em Cemitério de São Paulo.

LOURDES MARIA WANDERLEY PONTES

Militante do PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO REVOLUCIONÁRIO (PCBR).

Nasceu em Olinda, Pernambuco, em 31 de Março de 1943, filha de Antonio Araújo Neves e Tereza Wanderley Neves.

Estudou o primário e o ginásio em Recife, não chegando a concluir seus estudos por seu envolvimento político a partir de 1968. Em 23 de Fevereiro de 1969 casou-se com Paulo Pontes. Devido a repressão política, mudaram-se para Natal, RN, ali vivendo por algum tempo. Novamente perseguidos, em fevereiro de 1970, mudaram-se para Salvador, Bahia. No mesmo ano Paulo foi preso e Lourdes mudou-se para o Rio de Janeiro.

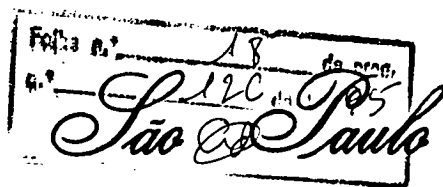
Morta aos 30 anos de idade, no Rio de Janeiro, em circunstâncias ainda não esclarecidas, em 29 de Dezembro de 1972.

O corpo de Lourdes entrou no IML como Luciana Ribeiro de Almeida, pela Guia nº 08 do DOPS. Sua necrópsia foi feita, em 30 de dezembro de 1972, pelos Drs. Roberto Blanco dos Santos e Hélder Machado Paupério que confirmam a versão oficial da morte por tiroteio.

Seu óbito, de nº 14296, em nome de Luciana Ribeiro de Almeida, tem como declarante José Severino Teixeira. Foi enterrada como indigente no



Câmara Municipal de São Paulo



Cemitério Ricardo de Albuquerque (RJ), em 26 de Fevereiro de 1973, na cova nº 22.824, quadra 21. Em 10 de Abril de 1978, seus restos mortais foram levados para um ossário geral e, em 1980/1981, para uma vala clandestina, junto com cerca de 2000 outras ossadas de indigentes.

Laudo (ocorrência nº 986/72) e fotos de perícia de local (ICE nº 7643/72) mostram Lourdes nas dependências da casa a Rua Valder Xavier de Lima. Interessante notar que, em algumas fotos, Lourdes está de relógio de pulso e em outras não.

LÚCIA MARIA DE SOUZA

Militante do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (PC DO B).

Nasceu em 22 de Junho de 1944, em São Gonçalo/RJ, filha de José Augusto de Souza Jovina Ferreira.

Desaparecida na guerrilha do Araguaia em outubro de 1973.

Jovem de origem pobre, com grandes dificuldades conseguiu ingressar na Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Participava ativamente no movimento estudantil e era responsável, junto com Jana Moroni, pela impressão e distribuição do jornal "A Classe Operária", nos anos de 1969 a 1970. Cursava o 4º ano de medicina e era estagiária no Hospital Pedro Ernesto quando abandonou a cidade indo viver na região do Araguaia, próximo a localidade de Brejo Grande. Destacou-se como parteira, sendo por isto muito estimada.

Era membro do Destacamento A - Helenira Resende.

Em combate, foi ferida e presa, sendo morta em 24 de outubro de 1973.

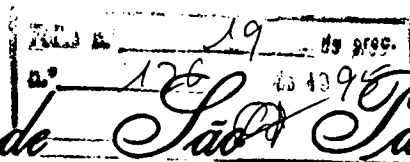
Segundo o relatório do Ministério do Exército, Lúcia "foi morta no dia 24/10/73 em confronto com as forças de segurança ocorrido entre Xambioá/GO e Marabá/PA.

Em entrevista a revista *Isto É* de 4 de Setembro de 1985, o major Curio diz que a mesma foi ferida, caiu e sacou de um revólver escondido na bota, ferindo-o no braço e a um capitão do CIE, no rosto, em seguida foi metralhada pelos outros militares.

LUIZA AUGUSTA GARLIPPE



Câmara Municipal de São Paulo



Militante do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (PC DO B).

Desaparecida desde 1974 na Guerrilha do Araguaia quando tinha 33 anos.

Nasceu em Araraquara, Estado de São Paulo, em 16 de Outubro de 1941, filha de Armando Garlippe e Aracy Vieira e Souza Garlippe.

Fez o primário, o ginásio e o científico em Araraquara e mudou-se para a cidade de São Paulo onde fez o curso de Enfermagem na USP, formando-se em 1964. Em seguida, passou a trabalhar no Hospital das Clínicas, chegando a Enfermeira-Chefe do Departamento de Doenças Tropicais, assunto em que se especializou, fazendo inclusive algumas viagens pelo país como ao Amapá e Acre.

Participava da Associação dos Funcionários do Hospital das Clínicas, distribuindo panfletos e organizando seus colegas de trabalho.

Foi viver na região do Rio Gameleira, no Araguaia, onde desenvolveu intenso trabalho de saúde, destacando-se como parteira.

Pertenceu ao destacamento B da guerrilha.

Foi vista viva pela última vez por seus companheiros no dia 25 de dezembro de 1973, num acampamento, próximo a Serra das Andorinhas, antes de haver intenso tiroteio contra o mesmo.

O relatório do Ministério do Exército diz que é "considerada desaparecida desde 5/74, e o do Ministério da Marinha, que teria sido "morta em junho/74".

LYDA MONTEIRO DA SILVA

Nasceu em 5 de Dezembro de 1920, em Niterói, Rio de Janeiro, filha de Luiz Monteiro da Silva e Ludovina Monteiro da Silva.

Era casada e tinha um filho. Funcionária da Ordem dos Advogados do Brasil, onde ingressou em 1936, quando tinha apenas 16 anos. Por sua capacidade, chegou a ocupar o cargo de Diretora do Conselho Federal da OAB, no Rio de Janeiro.

Morta aos 59 anos de idade no Rio de Janeiro, em 27 de agosto de 1980, durante o governo Figueiredo na chamada "Operação Cristal", organizada por grupos extremistas de direita, pela explosão de uma carta bomba, as 14 horas, na sede da OAB/RJ. A carta era endereçada ao



Câmara Municipal de São Paulo

Folha n.º	20	da proc.
n.º	126	do 19 95

presidente da entidade, Eduardo Seabra Fagundes, do qual D. Lyda era secretária.

O registro de ocorrência de nº 0853 da 3ª D.P. dá sua morte como "ato de sabotagem ou terrorismo" e informa que, na explosão, saiu ferido outro funcionário, José Ramiro dos Santos.

D. Lyda veio a falecer no caminho para o Hospital Souza Aguiar. Seu óbito de nº 313 foi assinado pelo Dr. Hygino C. Hércules, do IML, tendo como declarante Joaquim Alves da Costa.

Foi enterrada no dia seguinte no Cemitério São João Batista (RJ) com grande participação dos movimentos sociais e cobertura da imprensa.

No mesmo dia 27, mais duas cartas bombas foram entregues, no Rio de Janeiro, no Gabinete do Vereador Antonio Carlos de Carvalho (PMDB) e na sede do jornal *Tribuna da Imprensa*. Inquérito, na época, foi aberto e nada foi apurado.



Câmara Municipal de São Paulo

Folha n.º	21	do proc.
n.º	126	de 1995

MARGARIDA MARIA ALVES

Trabalhadora rural, rendeira, presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande Paraíba.

Foi assassinada por um jagunço a mando de latifundiários da região, no dia 13 de Agosto de 1983.

Destacou-se pela defesa dos direitos do trabalhador sem terra, pelo registro em carteira, pela jornada de 8 horas, pelo 13º salário, férias, entre outros direitos.

MARIA ÂNGELA RIBEIRO

Foi morta a tiros pela polícia carioca, no dia 21 de junho de 1968, quando da repressão às manifestações de ruas realizadas naquele dia.

MARIA AUGUSTA THOMAZ

Militante do MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO POPULAR (MOLIPO).

Nascida a 14 de novembro de 1947, em Leme, Estado de São Paulo, filha de Aniz Thomaz e Olga Michael Thomaz. Foi morta aos 26 anos de idade, juntamente com Márcio Beck Machado.

Estudante do Instituto Sedes Sapientiae da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, foi indiciada por sua participação no XXX Congresso da UNE, em Ibiúna, São Paulo, em 1968.

Em 14 de Janeiro de 1970 teve mandado de prisão expedido pela 2ª RM.

Em 29 de setembro de 1972 foi condenada no Proc. 06/70, a revelia, a pena de 17 anos de prisão, e no proc. 100/72, a revelia, a pena de 5 anos de reclusão pela 2ª Auditoria da 2ª CJM.

Em 27 de agosto de 1976, depois de três anos de seu assassinato, foi absolvida pelo STM por falta de provas concretas em outro processo.

O relatório do Ministério do Exército diz que "consta, segundo noticiário da imprensa, que teria sido morta em 17/05/73, durante confronto com as



Câmara Municipal de São Paulo

Folha n.º	22	da proc.
n.º	126	de 1995

forças de segurança no interior da Fazenda "Rio Doce" em Rio Verde/GO, juntamente com Márcio Beck Machado. Segundo reportagens veiculadas pela imprensa, os proprietários da Fazenda enterraram os corpos no local em que foram mortos, por solicitação dos agentes que executaram a missão. Ainda, de acordo com o proprietário em 31 de Julho de 80, três elementos, dizendo-se do DPF, retiraram os restos mortais do local."

O relatório do Ministério da Marinha, na mesma época diz que em "maio de 73 foi morta em Goiás em tiroteio, durante ação de segurança."

MARIA AUXILIADORA IARA BARCELOS

Militante da VANGUARDA ARMADA REVOLUCIONÁRIA (VAR - PALMARES), era filha de Clélia Iara Barcellos e Waldemar de Lima Barcellos.

Nasceu no dia 25 de março de 1945, em Antônio Dias, Minas Gerais.

Era conhecida como Dorinha e estudou até o 5º ano de medicina, em Belo Horizonte, quando perseguida pela ditadura, teve que viver clandestina e foi morar, então, no Rio de Janeiro.

Foi presa e brutalmente torturada, em 21 de novembro de 1969 e foi testemunha do assassinato sob torturas de Chael Charles Schreier, também militante político.

Foi banida para o Chile, em 23 de janeiro de 1971. Com o Golpe ao Governo Salvador Allende, em 1973, teve que buscar asilo em outros países, México, Bélgica, França e finalmente Alemanha. Lá, voltou a estudar com brilhantismo, o curso de medicina. Mas suicidou-se, jogando-se nos trilhos do metrô, na Cidade de Colônia.

MARIA CÉLIA CORRÊA

Militante do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (PC DO B).

Desaparecida, na Guerrilha do Araguaia aos 29 anos.

Nasceu em 30/04/45 na cidade do Rio de Janeiro, filha de Edgar Corrêa e Irene Corrêa.



Câmara Municipal de São Paulo

Folha n.º	23	da proc.
n.º	120	do 19 95

Era bancária e estudante de Ciências Sociais na Faculdade Nacional de Filosofia, hoje UFRJ, no Rio de Janeiro.

Em 1971 foi viver na região do Araguaia, onde já se encontrava seu irmão Elmo e sua cunhada Telma, ambos também desaparecidos. Pertenceu ao destacamento A - Helenira Resende, da guerrilha.

Foi vista pela última vez por seus companheiros no dia 02 de janeiro de 1974 e estava com Nelson Lima Piauhy Dourado, Jana Moroni e Carretel (todos guerrilheiros desaparecidos), quando houve um tiroteio contra os mesmos.

Os moradores de São Domingos viram quando Maria Célia era levada presa, com outros guerrilheiros.

Segundo depoimento de Maria Raimundo Rocha Veloso, moradora na região, Maria Célia foi presa por "Manezinho das Duas" que a amarrou e levou com a ajuda de outro homem para o acampamento do Exército em Bacaba (Transamazônica).

Este depoimento foi confirmado por Geraldo Martins de Souza, delegado de São Domingos na época dos acontecimentos, e que recebeu uma medalha do Comando do Exército na região por serviços prestados. Geraldo disse que "Rosinha", nome com que era conhecida na região foi presa no local chamado Açaizal.

Santinho, vereador pelo PSDB, em 1991, da Câmara de São Domingos e genro de Geraldo Martins de Souza, diz que eram duas mulheres guerrilheiras levadas para Bacaba por seu sogro, uma delas era Maria Célia. Em todos estes depoimentos as pessoas são unânimes em afirmar que estava viva e sem ferimentos de arma de fogo, em meados de 1974.

MARIA LÚCIA PETIT DA SILVA

Desaparecida no Araguaia desde 1972.

Nasceu em Agudos, Estado de São Paulo, a 20 de Março de 1950, filha de José Bernardino da Silva Júnior e de Julieta Petit da Silva.

Cursou o primário, o ginásio e os 2 primeiros anos do curso normal, em Duartina, vindo a concluí-lo em São Paulo, no Instituto de Educação Fernão Dias, bairro de Pinheiros em 1968, quando participou do movimento estudantil secundarista. Em 1969, prestou concurso para o Magistério. Foi professora primária municipal, lecionando na EMPG Tte. Aviador Frederico Gustavo dos



Câmara Municipal de São Paulo

Folha n.º	24	de proc.
n.º	126	do 1995

Santos, Vila Nova Cachoeirinha, entusiasmava-se com sua experiência com crianças da Zona Norte de São Paulo.

Em inícios de 1970, fez sua opção política: desenvolver seu trabalho no interior do Brasil. Militante do PC do B foi para o interior de Goiás e logo após para o Sul do Pará. Maria Lúcia dedicou-se ao magistério e ao trabalho na roça, conquistando grande simpatia dos moradores da redondeza. A partir da sua vivência no Araguaia, ela adquiriu maior conhecimento da terrível situação de abandono e miséria na qual vegetam os trabalhadores rurais e a população camponesa.

No dia 15 de Junho de 1972, Maria usava calças compridas de brim cinza, camisa cáqui, botinas de cor marrom e um bernal de lona verde atravessado no peito, a tiracolo. Na cintura, um cinto de couro que sustentava, do lado esquerdo, um revólver de calibre 38, com 6 balas no tambor, e do lado direito, um facão medindo cerca de 50 cm de comprimento, protegido por uma bainha de couro. Levava uma espingarda de calibre 20, carregada com um cartucho, verde, de calibre correspondente. Usava óculos de grau e um relógio de pulso, com a pulseira feita de couro de veado.

O relatório do Ministério da Marinha diz que Maria Lúcia "foi morta durante enfrentamento na tarde do dia 16/06/72, próximo a Pau Preto."

MARIA REGINA LOBO LEITE FIGUEIREDO

Militante da VANGUARDA ARMADA REVOLUCIONÁRIA PALMARES (VAR PALMARES).

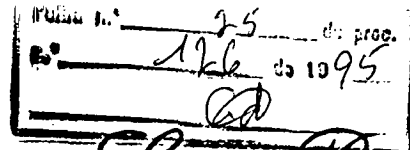
Ex-integrante da juventude universitária católica, era formada em filosofia pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro. Pedagoga, foi morta aos 33 anos. Casada com Raimundo Gonçalves Figueiredo, morto em 28 de abril de 1971., deixou duas filhas menores.

Maria Regina foi ferida quando a casa em que se encontrava foi invadida por agentes do DOI/CODI-RJ no dia 29 de março de 1972. Ligia Maria Salgado Nóbrega e Maria Regina, juntamente com Antonio Marcos Pinto de Oliveira, foram presos e assassinados.

O corpo de Maria Regina chegou ao IML pela Guia nº 02 do DOPS, como desconhecida, vindo da Av. Suburbana, nº 8988, casa 72, Bairro de Quintino (RJ), como tendo sido morta em tiroteio. Entretanto, há testemunhas que dizem que, após ser baleada, foi levada para o DOI-CODI, onde veio a



Câmara Municipal de São Paulo



morrer horas depois, tendo inclusive sido levada para o Hospital Central do Exército.

Sua necrópsia, feita em 30 de março de 1972, pelos Drs. Eduardo Bruno e Valdecir Tagliari confirma a versão oficial. Foi identificada nesse mesmo dia 30, através de ficha do Instituto Félix Pacheco/RJ.

Maria Regina foi reconhecida por suas irmãs Maria Eulália, Maria Alice e Maria Augusta, em 07 de Abril de 1972, e sepultada no dia seguinte no Cemitério São João Batista.

Fotos e laudo de perícia de local (nº 1884/72 e Ocorrência nº 264/72) feitas pelo Instituto de Criminalística Carlos Éboli/RJ, mostram o corpo de Maria Regina baleado.

O jornal *Correio da Manhã*, de 06 de abril de 1972, publicou a notícia de sua morte, sob título *Terroristas Morrem em Tiroteio: Quintino*. Ao lado de sua foto, capciosamente dá o nome de Ranússia Alves Rodrigues. No entanto, Maria Regina já havia sido identificada no IML/RJ.

MARIA REGINA MARCONDES PINTO

Nasceu em Cruzeiro (SP), em 17 de julho de 1946, filha de Benedito Rodrigues Pinto e Iracy Ivette Marcondes Pinto.

Desapareceu na Argentina, após ser sequestrada em Buenos Aires.

MARILENE VILAS-BOAS PINTO

Militante do MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO 8 DE OUTUBRO (MR-8).

Nasceu em 8 de julho de 1948, no Rio de Janeiro.

Morreu aos 22 anos de idade.

Estudante de Psicologia na Universidade Santa Úrsula, cursando até o 2º ano, quando, em 1969, por sua participação no movimento estudantil foi obrigada a viver na clandestinidade. Inicialmente militou na ALN e, posteriormente, ligou-se ao MR-8.

Foi presa e ferida no tiroteio em que tombou Mário de Souza Prata, no dia 2 de abril, a Rua Niquelândia, 23, em Campo Grande, no Rio de Janeiro.



Câmara Municipal de São Paulo

Folha n.º	26	de proc.
n.º	126	de 1995

Marilene, mesmo ferida e sem receber cuidados médicos, foi conduzida à câmara de tortura do DOI/CODI-RJ, tendo sido assassinada algumas horas após seu ingresso naquele Departamento.

Como testemunho da morte de Marilene sob torturas, há o depoimento da presa política Inês Etienne Romeu, que foi informada da sua morte quando esteve no Hospital Geral do Exército do Rio de Janeiro para tratamento. Lá, Inês ouviu de um médico o relato da noite em que estava de plantão e Marilene chegou para atendimento médico, mas já estava morta.

Em seu atestado de óbito consta a morte em 03 de abril de 1971 no Hospital Central do Exército-HCE e foi firmado pelo Dr. Rubens Pedro Macuco Janini.

Sua família, após muitas procuras e intermediações, conseguiu resgatar o corpo no HCE e enterrá-lo, em 05 de abril de 1971, no Cemitério São Francisco Xavier (RJ). Seu caixão foi entregue a família lacrado e durante o enterro vários militares a paisana faziam provocações aos presentes.

Notícias de sua morte foram publicadas, no dia 04 de junho de 1971, no Jornal do Brasil, "O Globo" e em "O Dia", respectivamente sob os seguintes títulos: "Casal Terrorista Morto ao Resistir Ordem de Prisão", "Terrorista assassino foi morto ao resistir a prisão" e "Mortos no Tiroteio Terrorista e a Amante". Em realidade, todos publicavam na íntegra o comunicado da Secretaria Estadual de Segurança Pública do Rio de Janeiro que dizia: "... a morte de Mário ocorreu no dia 03 de abril próximo passado, durante tiroteio que travou com as autoridades ao reagir a prisão. Na ocasião, sua amante Marilene ficou gravemente ferida, vindo a falecer logo depois".

MÍRIAM LOPES VERBENA

Militante do PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO REVOLUCIONÁRIO (PCBR).

Foi morta no dia 8 de março de 1972, juntamente com Luís Andrade de Sá e Benevides, perto de Caruarú, em Pernambuco, por agentes da Polícia Federal. pesquisas no DOPS/PE indicam que morreram em decorrência de acidente de carro.

NILDA CARVALHO CUNHA



Câmara Municipal de São Paulo



Militante do MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO 8 DE OUTUBRO (MR-8).

Estudante secundarista, foi presa em 20 de agosto de 1971, em Salvador, por ocasião da morte de Lara Lavelberg, por agentes do DOI/CODI. Foi liberada em 12 de novembro, profundamente debilitada em consequência das torturas sofridas durante a prisão.

No dia 14 de novembro morreu, com sintomas de cegueira e asfixia, em consequência de envenenamento durante a prisão.

A mãe de Nilda, desesperada com a morte a filha, passou a fazer denúncias e protestos em praça pública e, certo dia, apareceu inexplicavelmente enforcada.

PAULINE PHILIPPE REICHSTUL

Militante da VANGUARDA POPULAR REVOLUCIONÁRIA (VPR).

Nasceu em 18 de julho de 1947, na Checoslováquia, filha de Seman Reichstul e Ethel Reichstul.

Assassinada sob torturas, aos 26 anos, no Massacre da Chácara São Bento, município de Paulista, em Pernambuco, pela equipe do delegado Sérgio Fleury, com a ajuda do infiltrado ex-cabo Anselmo, em 8 de janeiro de 1973.

Juntamente com Pauline foram assassinados Eudaldo Gomes da Silva, Jarbas Pereira Marques, José Manoel da Silva, Soledad Barret Viedma e Evaldo Luiz Ferreira.

As circunstâncias do massacre que vitimou Pauline e seus companheiros estão na nota referente ao Eudaldo Gomes da Silva.

RANÚSIA ALVES RODRIGUES

Militante do PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO REVOLUCIONÁRIO (PCBR).

Nasceu em Garanhuns, Pernambuco, filha de Moisés Rodrigues Vilela e Áurea Alves Siqueira.

Já na clandestinidade, teve uma filha, Vanúsia, que mora em Recife.



Câmara Municipal de São Paulo

28
12C do 12.95
Cd

Estudante de enfermagem da Universidade Federal de Pernambuco, foi presa em Ibiúna/SP, quando participava do XXX Congresso da UNE, em 1968, e expulsa da Escola pelo Decreto 477/69.

Foi assassinada em 28 de outubro de 1973, juntamente com Almir Custódio de Lima, Ramirez Maranhão do Vale e Vitorino Alves Moitinho.

Teve sua morte reconhecida pelo I Exército, mas foi enterrada como indigente e foi negada a certidão de óbito á família.

Foi a única não carbonizada na Praça Sentinela, em Jacarepaguá (RJ).

Pelo informação nº 2805, do I Exército, de 29 de outubro de 1973, encontrada no Arquivo do DOPS/RJ, Ranúsia foi presa na manhã do dia 27 de outubro de 1973. Desde o dia 8, ela e seus três companheiros estavam sendo seguidos. Contém, inclusive, depoimento de Ranúsia na prisão. O documento fala da farta documentação encontrada com Ranúsia e da morte dos quatro militantes citando seus nomes completos.

O corpo de Ranúsia entrou no IML/RJ pela guia nº 20 do DOPS e a necrópsia feita pelos Drs. Hélder Machado Paupério e Roberto Blanco dos Santos, confirma a versão oficial da repressão de que foi morta em tiroteio ao reagir a prisão.

Na certidão de óbito de nº 17.414 está como desconhecida, tendo como declarante José Severino Teixeira. Foi enterrada como indigente no Cemitério de Ricardo de Albuquerque (RJ).

SOLEDAD BARRET VIEDMA

Militante da VANGUARDA POPULAR REVOLUCIONÁRIA (VPR).

Nasceu em 6 de Janeiro de 1945, no Paraguai.

Casada com José Maria Ferreira de Araújo (desaparecido), tiveram uma filha, que hoje vive no Estado de Santa Catarina.

Foi assassinada sob torturas no Massacre da Chácara São Bento, ocorrido no dia 8 de janeiro de 1973, pela equipe de delegado Sérgio Fleury.

Juntamente com Soledad, que estava com 4 meses de gravidez, foram assassinados Pauline Reichstul, Eudaldo Gomes da Silva, Jarbas Pereira Marques, José Manoel da Silva e Evaldo Luiz Ferreira.



Câmara Municipal de São Paulo

Folha n.º	29	de proc.
B.º	196	1995

As circunstâncias do massacre que vitimou Soledad e seus companheiros estão na nota referente a Eudaldo Gomes da Silva.

Os relatórios dos Ministérios da Marinha e da Aeronáutica dizem que "foi morta em Paulista/PE em 8 de janeiro de 1973 ao reagir a tiros a ordem de prisão dada pelos agentes de segurança."

SÔNIA MARIA LOPES DE MORAES

Militante da AÇÃO LIBERTADORA NACIONAL (ALN).

Nasceu em 9 de novembro de 1946, em Santiago do Boqueirão, Estado do Rio Grande do Sul, filha de João Luiz Moraes e Cléa Lopes de Moraes.

Foi morta aos 27 anos em 1973, em São Paulo.

Estudou no colégio de Aplicação da antiga Faculdade Nacional de Filosofia e, posteriormente, na Faculdade de Economia e Administração da UFRJ, mas não chegou a se formar, sendo desligada pela Portaria 53, de 24 de setembro de 1969. No Rio, trabalhava como professora de Português no Curso Goiás.

Casou-se com Stuart Edgar Angel Jones, militante do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8).

Em 1ª de maio de 1969, foi presa por ocasião das manifestações de rua na Praça Tiradentes/RJ com mais três estudantes, levada para o DOPS e, posteriormente, para o Presídio Feminino São Judas Tadeu. Somente foi liberada em 6 de agosto de 1969, quando foi julgada e absolvida por unanimidade pelo Superior Tribunal Militar. Passou a viver na clandestinidade.

Em maio de 1970 exilou-se na França, onde se matriculou na Universidade de Vincennes e, para se sustentar, trabalhou na Escola de Línguas Berlitz, em Paris, onde lecionava Português.

Com a prisão e desaparecimento de Stuart pelos órgãos brasileiros de repressão política, Sônia decidiu voltar ao Brasil, para retomar a luta de resistência. Ingressou na ALN e viajou para o Chile, onde trabalhava como fotógrafa. Posteriormente, em maio de 1973, retornou clandestinamente ao Brasil, indo morar em São Paulo. Em 15 de novembro de 1973 alugou um apartamento em São Vicente, junto com Antônio Carlos Bicalho Lana, com quem se unira. Seu apartamento passou a ser vigiado, sendo presa, juntamente com Antônio Carlos, no mesmo mês, por agentes do DOI-CODI/SP, tendo o II Exército divulgado a notícia de que morrera em combate.



Câmara Municipal de São Paulo

Folha n.º	30	da pros.
n.º	126	do 10 95

Foi assassinada sob torturas no dia 30 de novembro de 1973, juntamente com Antônio Carlos Bicalho Lana.

A Autópsia assinada pelos legistas Harry Shibata e Antônio Valentine, apenas descreve as perfurações de balas, sem nada mencionar das torturas sofridas. Afirmam que o crânio sofreu corte característico da autópsia e que examinaram detidamente o corpo.

Durante quase vinte anos a família investigou os fatos relacionados a prisão, tortura e assassinato de Sônia e Antônio Carlos.

Como resultado destas investigações a família produziu o vídeo "Sônia Morta e Viva", dirigido por Sérgio Waismann.

A prisão do casal em São Vicente, foi detalhadamente planejada, como constatou sua família, durante as investigações junto aos empregados do prédio em que Sônia e Antônio Carlos moravam. Ela costumava, assim que se mudou, tomar banho de sol numa prainha ligada ao prédio e, desde então era observada de um prédio próximo por agentes policiais, através de uma luneta. Dias depois, os mesmos agentes comunicaram aos empregados do prédio que moravam ali dois terroristas muito perigosos e para justificar tal afirmativa "empregaram-se" como funcionários do prédio e passaram a observa-los mais de perto. Certa manhã, bem cedo, quando Antônio Carlos e Sônia pegaram o ônibus da Empresa Zefir, já havia dentro do ônibus alguns agentes, inclusive uma senhora vestida de vermelho. Ao mesmo tempo, nas imediações da agência do Canal 1, São Vicente, já se encontravam vários agentes a espera de que um deles, pelo menos, descesse para adquirir passagens, pois as mesmas não eram vendidas no ônibus. Até hoje, a família não pôde precisar o dia exato da prisão, possivelmente num sábado, depois do dia 15 de novembro, fato este testemunhado por Celso Pimenta, motorista do ônibus, e Ozéas de Oliveira, vendedor de bilhetes da Agência Zefir.

Existem duas versões a respeito da prisão, tortura e assassinato de Sônia e Antônio Carlos.

A versão do primo do pai de Sônia, Coronel Canrobert Lopes da Costa, ex- comandante do DOI-CODI de Brasília, amigo pessoal do Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, comandante do DOI-CODI de São Paulo: depois de presa, do DOI-CODI de São Paulo foi mandada para o DOI-CODI do Rio de Janeiro, onde foi torturada, estuprada com um cassete e mandada de volta a São Paulo, já exangüe, onde recebeu dois tiros.

A versão do Sargento Marival Chaves, membro do DOI-CODI/SP: Sônia e Antônio Carlos foram presos e levados para uma casa de tortura na Zona Sul de São Paulo onde ficaram de cinco a dez dias, até morrerem, dia 30 de novembro de 1973 e foram colocados, no mesmo dia, a porta do DOI-CODI/SP, para servir de exemplo. Ao mesmo tempo, foi montado um "teatrinho"- termo usado pelo Sargento - para justificar a versão oficial de que



Câmara Municipal de São Paulo

foram mortos em consequência de tiroteio, no mesmo dia 30 (metralharam com tiros de festim um casal e os colocaram imediatamente num carro).

Versão oficial publicada dia 1º de dezembro de 1973 em dois jornais "O Globo" e "O Estado de São Paulo": Morte de Sônia e Antônio Carlos, a caminho do Hospital, após tiroteio em confronto com os agentes de segurança, na Avenida de Pinedo, no Bairro de Santo Amaro, cidade de São Paulo, altura do nº 836, às 15 horas.

No arquivo do antigo DOPS/SP foi encontrado um documento da Polícia Civil de São Paulo - Divisão de Informações CPI/DOPS/SP que diz: "Consta arquivado nesta divisão uma cópia xerográfica do Laudo de Exame Necroscópico referente a epigrafada com data de 20 de novembro de 1973". (Teve o laudo assinado antes de morrer?).

Apesar de haverem identificado Sônia Maria, os seus assassinos, enterraram-na, como indigente no Cemitério Dom Bosco, em Perús, sob o nome de Esmeralda Siqueira Aguiar. A troca proposital do nome de Sônia, demonstra a clara tentativa dos órgãos de repressão em esconder seu cadáver. A família de Sônia conseguiu obter através de processo de número 1483/79 na 1ª Vara Civil de São Paulo, a correção de identificação e retificação do Registro de Óbito.

Oficialmente morta, a família pôde transladar seus restos mortais para o Rio de Janeiro, em 1981.

Em 1982, na tentativa de apuração das reais circunstâncias da morte de Sônia, através de processo movido contra Harry Shibata, médico do IML/SP que atesta sua morte (inclusive assinando o atestado de óbito sob o nome falso e o laudo com nome verdadeiro), o IML/RJ constatou que os ossos entregues a família, enterrados no Rio de Janeiro, eram de um homem.

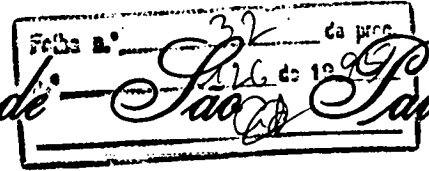
Para sepultar dignamente os restos mortais de Sônia, a família teve que fazer várias exumações, que chegaram a seis. A última exumação apresentava o crânio, sem o corte característico de autópsia e a família não aceitou os restos mortais, por desconfiar que seria mais um engano do Instituto Médico Legal de São Paulo.

Em um de seus depoimentos a CPI realizada na Câmara Municipal de São Paulo, Harry Shibata declarou que a descrição feita no laudo necroscópico de que houve corte de crânio, não corresponde a verdade, uma vez que essa descrição é apenas uma questão de praxe. Assim declarando, assumiu a farsa com que eram feitos os laudos.

Após serem identificados pela UNICAMP seus restos mortais, finalmente, foram transladados para o Rio de Janeiro no dia 11 de agosto de 1991.



Câmara Municipal de São Paulo



De seu pai, Tenente-Coronel da Reserva do Exército Brasileiro e professor de matemática, João Luiz de Moraes:

"Sônia Maria Lopes de Moraes, minha filha, teve seu nome mudado após o seu casamento com Stuart Edgar Angel Jones, para Sônia Maria de Moraes Angel Jones. Ambos foram torturados e assassinados por agentes da repressão política, ele em 1971 e ela em 1973. Minha filha foi morta nas dependências do Exército Brasileiro, enquanto seu marido Stuart Edgar Angel Jones foi morto nas dependências da Aeronáutica do Brasil. Tenho conhecimento de que, nas dependências do DOI-CODI do I Exército, minha filha foi torturada durante 48 horas, culminando estas torturas com a introdução de um cassete da Polícia do Exército em seus órgãos genitais, que provocou hemorragia interna.

Após estas torturas, minha filha foi conduzida para as dependências do DOI-CODI do II Exército, local em que novas torturas lhe foram aplicadas, inclusive com arrancamento de seus seios. Seu corpo mutilado de tal forma, a ponto de um general em São Paulo ter ficado tão revoltado, tendo arrancado suas insígnias e as atirado sobre a mesa do Comandante do II Exército, tendo sido punido por isso. Procedi a várias investigações em São Paulo, visando a aferição desses fatos, inclusive tentando manter contato, porém sem êxito, com esse General, tendo tido notícia de que o mesmo sofrera derrame cerebral, estava passando mal e de que sua família se opunha a qualquer contato e a qualquer referência aos fatos relativos a Sônia Maria.

As informações sobre as torturas, o estupro, o arrancamento dos seios de Sônia Maria e os tiros, me foram prestadas pessoalmente pelo Coronel Canrobert Lopes da Costa e pelo advogado Dr. José Luiz Sobral. Minha filha, em sua militância política, utilizava o nome de Esmeralda Siqueira Aguiar. Em 1º de dezembro de 1973, ao ler no Jornal "O Globo" vi uma notícia sobre Esmeralda Siqueira Aguiar. Viajei imediatamente em companhia de minha mulher Cléa, de minha cunhada Edy, de minha outra filha, Ângela, e de meu futuro genro, Sérgio, para a cidade de São Vicente, dirigindo-me diretamente para a Rua Saldanha da Gama, 163, apto. 301, local onde residia Sônia Maria. Ao chegar a esse local, a noite, encontrei-o ocupado por alguns homens, em torno de cinco ao que me recordo, membros das Forças da Segurança. Ao me recusar entregar minha carteira de identidade, cheguei a ser agredido. Após ter sido agredido, ameaçado de ser atirado do 3º andar e de ser metralhado por esses homens, consegui comunicar-me com o superior-de-dia do II Exército, em São Paulo, quando então, após identificar-me com Tenente-Coronel, consegui deste uma determinação por telefone diretamente a um dos 5 membros das Forças da Segurança, que me libertassem, mediante o compromisso de dirigir-me para um hotel em São Paulo, onde fiquei juntamente com minha mulher a disposição do II Exército e no dia seguinte prestei depoimentos no DOI-CODI.



Câmara Municipal de São Paulo

37
126
1295

Durante esse depoimento, indaguei aos interrogadores a respeito do paradeiro do corpo de minha filha, sendo que um destes respondeu que o corpo só poderia ser visto com a autorização do Comandante do II Exército.

Na tarde desse mesmo dia, viajei para o Rio de Janeiro em companhia de minha mulher para conversar com meu amigo, General Décio Palemiro Escobar, Chefe de Estado Maior do Exército, já falecido, o qual me deu uma carta para ser entregue ao General Humberto de Souza Mello, carta essa em que o General Décio pedia "ao ilustre companheiro e amigo" que me liberasse, assim como minha mulher, de São Paulo, pois necessitávamos permanecer no Rio, onde dirigíamos um colégio, bem como fosse liberado o corpo de Sônia para um sepultamento cristão.

Regressando a São Paulo em companhia de minha mulher, no dia seguinte, dirigi-me ao Quartel do II Exército para entregar a mencionada carta, sendo certo que o General Humberto não quis receber-me, e a carta foi levada então ao Coronel Hugo Flávio Lima da Rocha, que, ao voltar do gabinete do General, deu a seguinte resposta: "O General manda te dizer que, por causa desta carta você está preso a partir deste momento" e, como seu velho companheiro de Realengo, faço questão de, pessoalmente, leva-lo para o Batalhão da Polícia do Exército. No Batalhão da Polícia do Exército, fiquei preso durante 4 dias, vindo a ser liberado, sem maiores explicações mas com a recomendação de que "regressasse ao Rio, nada falasse, não pusesse advogado e aguardasse em casa o atestado de óbito de Sônia que seria remetido pelo II Exército e, quanto ao corpo, não poderia vê-lo pois havia sido sepultado".

Somente decorridos muitos anos pude entender minha prisão, ou seja, naqueles dias Sônia Maria ainda estava viva e sendo torturada e, na medida em que era mantido preso, era possível evitar minha interferência, ao mesmo tempo que, com essa prisão, buscavam amedrontar toda a família.

Apesar do desespero, das ameaças e do conseqüente apavoramento, a família continuou insistindo em conhecer os detalhes sobre a morte de Sônia Maria e, nessa procura, o referido advogado, José Luiz Sobral, que se dizia amigo comum da família e do General Adir Fiúza de Castro, então Comandante do DOI-CODI do Rio de Janeiro, prontificou-se em obter esclarecimentos diretamente com esse General. O Dr. José Luiz Sobral, ao retornar das dependências do DOI-CODI do I Exército, claudicava um pouco, e insinuava "ter levado umas cassetadas", trazendo-me um presente inusitado: um cassete da Polícia do Exército, mandado pessoalmente pelo General Fiúza para a família, com a recomendação que não falasse mais sobre o assunto, pois "todos estavam falando demais".

Na ocasião, a família guardou o cassete sem lhe dar maior importância e só recentemente, há uns dois anos, é que pude fazer a interligação dos acontecimentos, ou seja, conclui estarrecido que o verdadeiro significado desse presente é que o mesmo General Fiúza nos enviava, como



Câmara Municipal de São Paulo

Feito p.º	34	de proc.
Fe.º	120	de 1995

advertência, o próprio instrumento que provocou a morte de Sônia Maria. Este cassete se encontrava em meu poder, podendo ser apresentado a qualquer tempo.

A partir da morte de Sônia, todo final de semestre, nas Declarações de Herdeiros que prestava ao Ministério do Exército, colocava Sônia Maria Lopes de Moraes como minha herdeira, assinando sempre que 'presumivelmente morta pelas Forças de Segurança do II Exército, deixo de apresentar a certidão de Óbito porque não me foi fornecida ainda pelo II Exército, conforme prometido'. Essas declarações causaram mal estar entre os militares, tendo sido aconselhado pelo chefe da pagadoria do Exército a requerer a certidão diretamente ao Comandante do II Exército. Apresentado o requerimento, em setembro de 1978, recebi uma correspondência onde o General Dilermando Gomes Monteiro, então Comandante do II Exército, afirmava que 'não cabe ao II Exército fornecer o atestado solicitado. No Cartório de Registro Civil do 20º Sub Distrito - Jardim América/SP, foi registrado o óbito de Esmeralda Siqueira Aguiar, filha de Renato A. Aguiar e de Lúcia Lima Aguiar. O requerente procure o Cartório em causa, se assim o desejar'. O documento acrescentava, ainda, que 'mandara retirar do Cartório referido, por pessoa indiscriminada, uma certidão de óbito registrada, que fora fornecida sem qualquer problema'. A referida correspondência, subscrita pelo Comandante do II Exército, foi o primeiro reconhecimento oficial da morte de Sônia Maria. Apesar de ter requerido o atestado de óbito em nome de Sônia Maria Lopes de Moraes, a resposta do Comandante do II Exército foi a entrega de uma certidão de óbito em nome de Esmeralda Siqueira Aguiar. Tempos depois da entrega desse atestado de óbito, tomei conhecimento de um outro documento, 'Auto de Exibição e apreensão', datado de 30 de novembro de 1973, em cujo verso há uma nota do DOI-CODI do II Exército, onde, no final, consta um 'em tempo: material encontrado em poder de Esmeralda Siqueira Aguiar, cujo nome verdadeiro é Sônia Maria Lopes de Moraes.

No Cemitério de Perus, consegui encontrar o registro de sepultamento de Esmeralda Siqueira Aguiar, na Quadra 7, Gleba 2, Terreno 486, com algumas rasuras, em datas principalmente. Nessa oportunidade, os ossos de Sônia não podiam ser exumados porque esta sepultado na parte de cima um outro cadáver. Tivemos que aguardar 3 anos para a pretendida exumação, ocorrida em 16 de maio de 1981. Nessa ocasião reclamei das divergências existentes entre o que constava do laudo assinado pelos legistas Harry Shibata e Antônio Valentine e a realidade da ossada retirada, pois, ao contrário do que constava nesse laudo, o crânio que seria de Sônia não apresentava nenhum orifício de entrada ou saída de projétil de arma de fogo e estava inteiro. Apesar dessa discrepância, levamos os ossos para o Rio de Janeiro, sepultando-os no Cemitério Jardim da Saudade, mais precisamente no Lote 18874, Espaço B, Setor IV e, durante um ano, todos os sábados, juntamente com minha mulher, ia no Cemitério e levava flores em homenagem a minha filha.



Câmara Municipal de São Paulo

35 de proc.
126 de 1995

Além da ação proposta na I Vara de Registros Públicos para retificação de identidade, intentamos outra na Auditoria Militar de São Paulo, pleiteando a abertura de IPM para averiguar as verdadeiras causas da morte de minha filha, bem como a falsidade da certidão e laudo assinados por Harry Shibata e Antônio Valentine. Esse processo, na Auditoria Militar, teve seu curso normal até o Comandante da II Região Militar, General Alvir Souto que se negou a cumprir determinação do Juiz para a abertura de IPM, alegando insuficiência de provas.

Nessa ocasião a Juíza Dra. Sheila de Albuquerque Bierrembach determinou a exumação dos restos mortais sepultados no Cemitério Jardim da Saudade, bem como o seu exame pelo IML do Rio de Janeiro, constatando esse instituto que aquela ossada não pertencia a Sônia, mas sim a um homem, negro, de aproximadamente 33 anos de idade.

Diante do estranho resultado dessa última exumação, a mesma Juíza Sheila Bierrembach determinou que se fizessem, no Cemitério de Perus, tantas exumações quantas fossem necessárias até serem encontrados os restos mortais de Sônia Maria. Nessa busca, participei juntamente com minha mulher, familiares e amigos ainda de mais 4 exumações nesse mesmo Cemitério de Perus. Terminada a última dessas exumações foi encontrada uma ossada, que poderia se a de Sônia. Porém, o crânio encontrado também não estava seccionado e os orifícios de entrada e saída de projeteis não coincidiam inteiramente com o laudo. Não tínhamos então a ficha dentária de Sônia, que havia sido perdida por seu dentista no Rio de Janeiro, Dr. Lauro Sued. Não tínhamos elementos de convicção para aceitar aqueles restos mortais como sendo os de Sônia e, por isso, tentamos impugnar as conclusões do IML de São Paulo, apresentando 11 quesitos e 10 fotografias do crânio de Sônia quando esta tinha 11 anos de idade. A Juíza Dra. Sheila, finalmente, aceitou a conclusão do IML de São Paulo, no sentido de que aqueles eram, oficialmente, os restos mortais de Sônia Maria de Moraes Angel Jones".

SUELY YUMIKO KANAYAMA

Militante do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (PC do B).

Nasceu em Coronel Machado, Estado de São Paulo, em 25 de maio de 1948.

Desaparecida desde 1973 na Guerrilha do Araguaia, aos 25 anos.

Em 1967, concluiu o 2º grau no Colégio Albert Levy, ingressando em seguida na Universidade de São paulo, sendo aprovada no vestibular para



Câmara Municipal de São Paulo

Feição n.º	36	de proc.
N.º	126	do 19.95

Licenciatura em Língua Portuguesa e Germânica, Durante os anos de 1965 e 1969 fez, como cadeira opcional, a Língua Japonesa.

Matriculou-se pela última vez na USP em 1970. Em fins de 1967 e nos anos que se seguiram, com as principais lideranças estudantis perseguidas, na clandestinidade ou no exterior, novas lideranças se faziam necessárias. Suely foi uma delas.

Chegou a Região do Araguaia, em fins de 1971, sendo uma das últimas a se integrar ao Destacamento B da Guerrilha.

No início do ano de 1974, cercada por uma tropa do Exército, recusou-se a rendição, sendo metralhada. Seu corpo foi perfurado por mais de 100 balas de grosso calibre.

Morreu aos 25 anos, do quais 3 dedicados a guerrilha, em defesa da causa que acreditava justa - a da Liberdade.

Segundo reportagem do "Diário Nippak", foi morta com rajadas de metralhadoras disparadas por diversos militares, deixando seu corpo irreconhecível. Foi enterrada em Xambioá e seus restos mortais foram posteriormente exumados por estranhos.

O Relatório do Ministério da Aeronáutica diz que "cercada pelas forças de segurança, foi morta ao recusar sua rendição". Já o Relatório do Ministério da Marinha afirma que foi "morta em setembro de 1974".

Sobre a ocultação do cadáver de Suely, o Coronel da Aeronáutica Pedro Cabral diz, em entrevista a revista "Veja", em outubro de 1993: "Suely havia sido morta no final de 1974. Seu corpo estava enterrado num local chamado Bacaba, onde, sob a coordenação do Centro de Informações do Exército - CIEEx, foram construídas celas e se interrogavam os prisioneiros. Durante a operação limpeza, sua cova foi aberta e o corpo de Suely, desenterrado. Intacto sem roupa, a pele muito branca não apresentava nenhum sinal de decomposição, apenas marcas de bala...

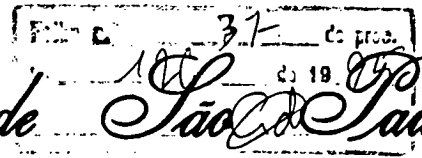
"Desenterrado, o corpo de Suely foi colocado num saco plástico e levado até meu helicóptero que o transportou para um ponto ao sul da Serra das Andorinhas, a 100 Km de distância. Ali... fizeram uma pilha de cadáveres ... também desenterrados de suas covas originais. Cobertos com pneus velhos e gasolina, foram incendiados".

TELMA REGINA CORDEIRO CORREA

Militante do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (PC do B).



Câmara Municipal de São Paulo



Nasceu a 23 de julho de 1947, na cidade do Rio de Janeiro, filha de Luiz Durval Cordeiro e Celeste Durval Cordeiro.

Desaparecida desde 1974, na Guerrilha do Araguaia, aos 27 anos.

Universitária, estudante de Geografia da Universidade Federal Fluminense, de onde foi excluída em 1968 pelo Decreto-lei 477.

Deslocou-se para a região do Araguaia em 1971, juntamente com seu marido Elmo Correa indo morar às margens do Rio Gameleira e ingressando no Destacamento B da guerrilha.

No início do ano de 1974, foi presa na casa do Sr. Macário em São Geraldo e entregue a José Olímpio, engenheiro do DNER que trabalhava para o Exército. Passou a noite amarrada no barco de José Olímpio antes de ser entregue às autoridades em Xambioá. (depoimentos colhidos no região pelo advogado Paulo Fontelles, representante da OAB junta a Caravana de Familiares que estiveram no Araguaia a procura de informações em 1981). Segundo o Relatório do Ministério da marinha, "foi morta em janeiro de 1974".

THEREZINHA VIANA DE ASSIS

Nasceu em 02 de julho de 1941, em Aracaju, Sergipe. Era filha de Antônio Veriano de Assis e de Edith Vianna de Assis. Estudou Economia na Universidade Federal de Sergipe. Mudou-se para Belo Horizonte e foi trabalhar na Caixa Econômica Federal. Em 1972 foi presa e ao ser libertada se exilou no Chile, onde fez curso de especialização na Universidade de Santiago.

Com o golpe do Chile, foi viver em Amsterdam, onde doutorou-se em Economia.

Com problemas psicológicos, agravados quando ficou desempregada, em 03 de fevereiro de 1978, Therezinha foi encontrada morta sob a janela do apartamento em que residia.

WALQUÍRIA AFONSO COSTA

Militante do PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL (PC do B).



Câmara Municipal de São Paulo

Folha n.º 33 da proc.
n.º 126 de 1995

Nasceu em Uberaba, Triângulo Mineiro, no dia 2 de agosto de 1947, filha de Edwin Costa e de Odete Afonso da Costa.

Desaparecida desde 1974 na Guerrilha do Araguaia quando tinha 27 anos.

Seu pai funcionário do Banco do Comércio e Indústria de Minas Gerais, hoje Banco Nacional, em Pirapora.

Sua irmã fala:

"Walquíria fez o curso primário na Escola Normal de Patos de Minas/MG, e as duas primeiras séries do curso ginásial, no Ginásio Rio Branco, em Bom Jesus de Itapapoama, Rio de Janeiro.

Com a transferência de sua família para Pirapora, terminou o ginásial no Colégio Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento, estabelecimento dirigido por freiras religiosas.

No período de 1963 a 1965, estudou no Colégio São João Batista, em Pirapora, onde terminou o Curso Normal de formação de professoras, e lecionou em alguns grupos escolares da cidade.

Wal - como era chamada - prestou concurso público para o Estado em 1966 e, nomeada na primeira chamada, transferiu-se para Belo Horizonte, onde passou a lecionar.

Aluna exemplar, ocupando sempre os primeiros lugares nas escolas por onde passou, Walquíria prestou o vestibular para o Curso de Pedagogia, na Universidade Federal de Minas Gerais, classificando-se em segundo lugar.

Freqüentou apenas os três primeiros anos do Curso, quando passou a tomar consciência dos problemas políticos e sociais do País e, em particular, da própria Universidade. Nessa época, Walquíria gostava muito de cantar e tocar violão.

Participou junto com outros colegas da fundação do Diretório Acadêmico da Faculdade de Educação, em 1968. Lutavam pela defesa de interesses estudantis e buscavam o caminho para soluções de questões mais concretas como: cortes de verbas, acordo MEC-USAID, fechamento de restaurantes universitários, Decreto-lei 477 etc.

As perseguições políticas começaram a se intensificar. O cerco ao prédio da Faculdade de Educação, demonstrou um claro desrespeito aos alunos e professores que estavam em seu interior. Intimações para depoimentos no DOPS, muitas prisões, já sob tortura, eram os sinais nítidos do agravamento da situação política.



Câmara Municipal de São Paulo

Feito em 39
126
c. 19-95

Nesse período, Walquíria era Vice-Presidente do Diretório Acadêmico.

Walquíria, até então, não havia sido indiciada em nenhum inquérito, pelo DOPS ou por qualquer outro órgão de segurança.

Já prevendo dificuldades futuras e maiores riscos de atuação, decidiu em 1971 partir para outra frente de trabalho político: a luta junto aos camponeses pobres da região do Araguaia.

É importante destacar que nessa mesma época foi procurada por agentes da repressão (DOPS/MG) e teve sua casa invadida sob a alegação de envolvimento em reuniões estudantis.

Walquíria, Walk ou Wal, e seu marido, Idalísio Soares Aranha Filho, ambos filados ao PC do B, foram viver na região do Gameleira, sul do Pará.

Fez parte do Destacamento B, comandado por Osvaldo Orlando da Costa, na localidade de Gameleira.

Em julho de 1973, Walquíria foi julgada, a revelia, pela Auditoria da 4ª Região Militar, em Juiz de Fora, mas foi absolvida por absoluta falta de provas da sua atuação política.

Walquíria Afonso Costa foi dada como desaparecida na região do Araguaia, em 25 de dezembro de 1973, onde provavelmente foi aprisionada e morta sob torturas.

"Os mortos inimigos serão sepultados na selva, após identificação": esta recomendação está escrita em farto material das Forças Armadas sobre a segunda fase da Guerrilha do Araguaia em 1972, denominada 'Operação Papagaio'. Mas até hoje seus restos mortais não foram entregues a família.

ZULEIKA ANGEL JONES

Nasceu em Curvelo (MG) em 05 de julho de 1923, filha de Pedro Netto e Francisca Gomes Netto.

Casada, criativa, inovadora, anti-militarista, talentosa, corajosa, envolvente, charmosa e alegre. É essa a definição da sua personalidade, que se tornou estilista famosa e conhecida por Zuzu Angel.

Seu filho o desaparecido político, Stuart Angel Jones, foi preso em 14 de maio de 1971 pelos agentes do CISA, onde foi torturado e assassinado.



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Papel para informação, rubricado como folha n°40.....

do processo n°126..... de 19.....95..... 28.....12.....95..... (a)C. Delina.....

Ao Senhor Assessor Chefe,
Sobre o assunto, nada consta:
Em 28-12-95

A Com. de Const. e Justiça

28/12/95

LUIZ AREIAS DE CARVALHO
Ass. Tecn. Leg. Chefe - A. T. M.

Recebido na Comissão de
Constituição e Justiça
Em 02/01/96 às 12h00 hs.

Ao Nobre Vereador Mari Nelly
para relatar.
Sala da Comissão de Constituição e Justiça
em 02 de 01 de 1996

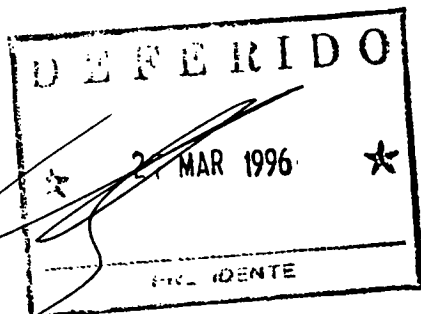
[Signature]
Presidente

SEGUE juntado nesta data, documento e papel para informação, rubricado
sob folha nº 41
Em 28.03.96
(a) M



Câmara Municipal de

Folha n	21	do proc.
N	126	de 10
O	13	de 1996



REQUERIMENTO 13 - RDS
13-0264/1996

Requeiro com fundamento nos artigos 223 inciso VI, seja retirado o PDB Decr. Leg. nº 126/95, que se encontra na Comissão de Constituição e Justiça para retificação.

Sala das Sessões, 27 de março de 1996.

Tereza Cristina de S. Lajolo
TEREZA CRISTINA S. LAJOLO
Vereadora - PT

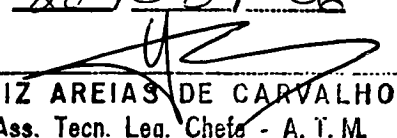
SEÇÃO DE REVISÃO

27 MAR 1996

- DT. 10 -

À Com. de Const. e Justiça

22/03/96


LUIZ AREIAS DE CARVALHO

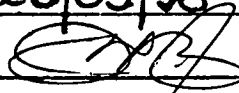
Ass. Tecn. Leg. Chefe - A. T. M.

Recebido na Comissão de
Constituição e Justiça
Em 29/03/96 às 12:00 hs.

AO DT.94.

29/03/96


Marlene S. de Oliveira
Secretária

DEPARTAMENTO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMÁTICA SEÇÃO TÉCNICA DE ARQUIVO	
Proc. encerrado c/	<u>41</u> fls.
Arquivo em	<u>29/03/96</u>
O Func.º	

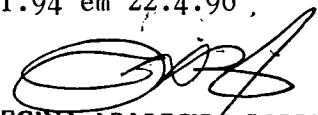
REGINA APARECIDA BARRIOS
Chefe de Seção Técnica II

À

ATM - Sr. Assessor-Chefe,

Conforme solicitado, segue o presente expediente
para volta a tramitação.

DT.94 em 22.4.96


REGINA APARECIDA BARRIOS
Chefe de Seção Técnica II



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Papel para informação, rubricado como folha n° 42

do processo n° 126 de 19 95 21/01/97 (a) Alcides

Ao DT. 94 - Sra. Chefe:

De acôrdo com o artigo 275 do Regimen-
to Interno, arquivar o presente processo.

21/01/97

Breno Gandelman
BRENO GANDELMAN

Ass. Tecn. Legislativo - Chefe Substituto

A. T. M.

SEÇÃO TÉCNICA DE ARQUIVO	
Requisitado em	<u>22/4/96</u>
Arquivado novamente em	<u>21/01/97</u>
cl <u>42</u> fls. O func.º	<u>REGINA APARECIDA BARRIOS</u>
	Chefe de Seção Técnica II